

Oclusa e moderna: a poética feminista de Alfonsina Storni em “Você me quer branca”

Mariana Borda*

<http://orcid.org/0000-0001-6467-8986>

Resumo: O envolvimento de Alfonsina Storni (1892-1938) com a luta feminista na Argentina do início do XX foi transposto para uma lírica imagética e combativa. Assim, o artigo analisa o poema “Você me quer branca” (1918). Ao desenvolver sobre o desejo do homem pela pureza sexual da mulher, Alfonsina questiona a moralidade patriarcal da Argentina. O presente estudo reflete sobre a recepção de sua obra, conforme os escritos de Jorge Luis Borges (2010; 2011), bem como sobre a perspectiva feminista da autora, de acordo com Beatriz Sarlo (2003), Ana Cristina Cesar (2016) e Karine de Rocha Oliveira (2009).

Palavras-chave: Poesia. Literatura argentina. Estudos de gênero.

Occluded and modern: the feminist poetics of Alfonsina Storni in “Você me quer branca”

Abstract: The involvement of Alfonsina Storni (1892-1938) with the feminist struggle in Argentina at the start of the 20th century was transposed into a combative and imagetic lyric speech. Thus, the present study analyzes the poem “Você me quer branca” (1918). By contemplating men’s desire for the sexual purity of women, Alfonsina questions Argentina’s patriarchal morality. This article aims to reflect on the reception of Alfonsina’s work, according to the writings of Jorge Luis Borges (2010; 2011), as well as on the feminist perspective of the author, according to Beatriz Sarlo (2003), Ana Cristina Cesar (2016) and Karine de Rocha Oliveira (2009).

Keywords: Poetry. Argentine literature. Gender studies.

Cerrada y moderna: la poética feminista de Alfonsina Storni en “Você me quer branca”

Resumen: El involucrimiento de Alfonsina Storni (1892-1938) con la lucha feminista en la Argentina de principios del siglo XX fue transpuesto a una lírica imaginativa y combativa. Luego, el artículo analiza el poema “Você me quer branca” (1918). Al desarrollarse sobre el deseo del

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda em Teoria, Crítica e Comparatismo, área de Estudos Literários, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marianaborda96@gmail.com.



hombre por la pureza sexual de la mujer, Alfonsina cuestiona la moral patriarcal de Argentina. Este estudio reflexiona sobre la recepción de su obra, según los escritos de Jorge Luis Borges (2010; 2011), así como sobre la perspectiva feminista de la autora, según Beatriz Sarlo (2003), Ana Cristina Cesar (2016) y Karine de Rocha Oliveira (2009).

Keywords: Poesía. Literatura Argentina. Estudios de género.

Introdução

As análises acadêmicas que aprofundam, questionam e ampliam as diferentes perspectivas que permeiam as múltiplas identidades de mulheres são uma fonte rica para discussão. A fim de contribuir ao estudo de discursos que abarcam o *ser mulher*, o presente artigo analisará as facetas da lírica de Alfonsina Storni (1982-1938). Propomos desvendar uma poética que, em si, é contraditória e múltipla, pois não conformou à fixidez das correntes literárias do começo do século XX na Argentina. Para a construção dessa análise, selecionamos o poema “Você me quer branca”, do segundo livro publicado por Alfonsina, *O doce dano* (1918). Desenvolveremos como o poema explora a multiplicidade de uma autora romântica e moderna, bruta e sensível. Antitética em sua produção intelectual, abordaremos as percepções específicas da poeta, essa audaz dos versos “Eu sou como a loba. Ando sozinha e dou risada/Do rebanho. Não preciso de nada. Quem me sustenta sou eu.” (STORNI, 2020, p. 21)¹.

É preciso, a fim que tais análises de gênero contribuam de maneira ampla, lembrar que não existe a categoria única “lírica de mulher”, mas sim diferentes e tensionadas perspectivas do *ser mulher* a partir da análise de vozes poéticas múltiplas, nunca universais ou estáveis. Os estudos feministas sobre a produção poética de mulheres devem ser contemplados como um caleidoscópio de vozes, flexível e mutável, para assim perscrutar a seguinte questão: “Se a categoria “mulher” não corresponde a qualquer essência unificada e unificadora [...] as questões centrais passam a ser: de que modo a “mulher” é construída como categoria dentro de diferentes discursos?”

¹ Versos do poema “A Loba”, presente em *A inquietude do roseiral* (1916).

(MOUFFE, 2013, p. 269). Para contribuir com a investigação literária e feminista de acordo com esse prisma, analisaremos a perspectiva da eu-lírico de Alfonsina Storni.

Uma loba na Buenos Aires de Borges

Um breve registro sobre a biografia de Alfonsina Storni se mostra necessário para que possamos vislumbrar em sua totalidade essa poeta que viveu de maneira intensa e livre. Nascida em 1892, na pequena aldeia de Sala Capriasca, Suíça, Alfonsina chega a Argentina com quatro anos. Junto com sua família, ela enfrenta as instabilidades financeiras e a morte do pai por alcoolismo. Na adolescência, Storni participa de uma trupe de teatro de um comediante espanhol e faz um *tour* pelas províncias junto a sua mãe, Paulina. Aos dezenove anos, Alfonsina se formará como professora rural em Rosário. Nessa cidade, engravida de um homem casado. Em estado avançado de gravidez, a poeta se muda para Buenos Aires em 1912, onde exercerá a sua carreira como jornalista e poeta.

O resumo apresentado da biografia de Alfonsina reflete a base de vivências de uma autora que experimentou uma amplitude de conquistas e preconceitos, já que, em pleno começo de século XX, “[...] será a mulher que jamais se casou, mas que nunca se privou de exercer a sua libido. Assim ela jamais caberá no nicho da intelectual aceitável pela elite social, cultural ou econômica de Buenos Aires” (ALVEZ-BEZERRA, 2020, p. 169-170). O impacto de uma mulher como Alfonsina Storni, bem como o desconforto da intelectualidade portenha perante a sua expressão artística, é perceptível quando nos atemos às observações dos críticos literários portenhos, incluindo as percepções do hoje maior nome da Literatura Argentina do século XX.

Para o escritor Jorge Luís Borges (1899-1986), os versos de Alfonsina Storni são frutos de “estridências de comadre” (2011, p.39, tradução nossa)². Se o escritor argentino não vislumbrou a riqueza de versos como “Homenzinho miúdo, mas que gaiola você me

² No original: “[...] sin incurrir ni em las borrosidades ni en la chillonería de comadrita que suele inferirnos la Storni.”

dá/ Digo miúdo porque você não me entende/ Nem nunca me entenderá.” (STORNI, 2020, p. 47)³, seria instigante examinar os motivos para que o autor definisse em termos simplificadores a obra poética de Storni. Vale lembrar que Jorge Luís Borges, no entanto, não foi o único a classificar desfavoravelmente os versos de Alfonsina. A poeta foi recebida pela crítica literária da época como uma “[...] serpente enlouquecida em convulsões, neurótica, autora indicada para homens que já provaram a vida” (OLIVEIRA, 2009, p. 38).

Alfonsina Storni encontra o público leitor de suas poesias em mulheres que, assim como ela, não atendiam às expectativas sociais de sua época. A lírica da poeta, desde a estrutura até a perspectiva temática, é de fácil compreensão para as leitoras de um cenário urbano que “[...] alterava-se rapidamente, conferindo à capital do país ares mais cosmopolitas, e à vida de seus habitantes, novos ritmos e qualidade” (SOARES, 2003, p. 133). São essas mulheres “comuns” de uma Buenos Aires em novos ritmos que se percebem nas imagens profusas, no discurso fácil e na audácia temática dos versos de Storni, como argumenta Beatriz Sarlo (2003, p. 81, tradução nossa)⁴, em *Una Modernidad Periferica*:

[...] ao trabalhar com uma retórica fácil e conhecida, permite que essa moral diferente seja lida por um público muito mais amplo do que o das inovações de vanguarda, por um público que, na verdade, transborda os limites do campo intelectual.

Se os críticos contemporâneos de Alfonsina percebem sua lírica como “histeria” ou “estridências de comadres”, podemos inferir que é justamente na expressão artística identificável pelas mulheres oriundas das camadas populares (que não poderiam ser classificadas como “musas de vanguarda”, que marca a tendência em desclassificar a poética da autora:

Os vanguardistas afirmavam que Alfonsina só conseguiu ganhar certa notoriedade entre os portenhos porque na classe média e baixa havia muitas mulheres que se identificavam com sua poética e sua vida, que sofriam dos

³ Versos do poema “Homenzinho miúdo”, presente em *Irremediavelmente* (1919).

⁴ No original: “[...] al trabajar con una retórica fácil y conocida, hace posible que esa moral diferente sea leída por un público mucho más amplio que el de las innovaciones de la vanguardia, por un público que, en verdad, desborda los límites del campo intelectual.”.

mesmos preconceitos, mas não tinham coragem suficiente para fazer ouvir sua revolta. (OLIVEIRA, 2009, p. 39).

Dentro da comunidade masculina letrada que começava a abrir suas portas para mulheres que não interrompessem com as “estridência” dos discursos, opiniões e exigências identificáveis entre as mulheres da classe média e baixa, a obra de Alfonsina Storni só poderia causar desconforto. A autora Victoria Ocampo (1984), ao refletir sobre a disparidade da produção intelectual entre homens e mulheres, aponta que o monólogo masculino costuma iniciar com um “[...] ‘não me interrompa’ do homem. Até agora o monólogo parece ter sido o modo de expressão preferido por ele adotado” (OCAMPO, 1984, p. 173, tradução nossa)⁵.

O monólogo masculino do começo do século XX poderia apreciar as sugestões leves da mulher que escreve, contanto que ela não se deslocasse da aceitável poesia “feminina”: Borges felicitou a autora Norah Lange (1905-1972), contemporânea de Alfonsina Storni, pela escrita “leve e ativa e fervorosa”, com caráter de “pequenez essencial” e “límpida eficácia” (BORGES, 2010, p.57). Leve, límpida, pequena: adjetivos que não poderiam ser utilizados para classificar a lírica de Storni. Para a autora que versa sobre a livre expressão de suas dores particulares – que reivindica, portanto, o próprio monólogo poético sobre a condição da mulher dentro de seu contexto social – restam as definições de tom depreciativo.

Dessa forma, vejamos como, de forma “exemplar e exitosa”, Storni conquistou um público fiel de leitoras que perceberam a profusão e a profundidade de temáticas que circundam e tensionam a perspectiva da mulher portenha e cosmopolita das primeiras décadas do século XX. Pretendemos apontar, de acordo com a análise do poema “Você me quer branca”, que Alfonsina constrói uma poética desafiadora: brinca, desloca e realiza uma ruptura que abarca e confunde a estrutura romântica com a temática moderna.

⁵ No original: “Creo que, desde hace siglos, toda conversación entre el hombre y la mujer, apenas entran en cierto terreno, empieza por un: ‘no me interrumpas’ de parte del hombre. Hasta ahora el monólogo parece haber sido la manera predilecta de expresión adoptada por él.”

A liberdade sexual reivindicada em “Você me quer branca”

Em *O doce dano* (1918), segundo livro publicado por Alfonsina, o poema “Você me quer branca” abre com os seguintes versos:

Você me quer clara,
me quer espuma,
me quer nácar.
Que seja de açucena,
e mais que tudo, casta.
De perfume tênue.
De corola fechada.
(STORNI, 2020, p. 33).

Definida pela teórica portenha Beatriz Sarlo (2003) como “romântica-tardia” por não versar de acordo com os aspectos das vanguardas que surgem no início do século XX na Argentina (os cânones *martinferrista* de Buenos Aires), Storni é vislumbrada, a partir de seus primeiros livros, como uma “(...) maestra da província, Alfonsina não pode, nesses primeiros anos, ser outra coisa que uma poetisa de mau gosto” (SARLO, 2003, p. 78, tradução nossa)⁶. Percebemos, a partir desse comentário de Sarlo, que a definição de “mau gosto” atribuída a Alfonsina parte da estranheza de versos cuja estrutura “romântica” pertence a um passado pré-vanguarda, período definido por Ana Cristina Cesar como

A função tradicional da poesia (de mulher?): ‘elevação’, além do real. Tons fumarentos. Nebulosidades. Reflexos crepusculares. Luz mortiça, penumbra. Belezas mansas, doçura. Formalmente, uma poesia sempre ortodoxa, que passou ao largo do modernismo. (CESAR, 2016, p. 257).

A ortodoxia da estrutura “romântica” de um poema como “Você me quer branca” oferece algumas dúvidas: estaríamos perante uma eu-lírico cujos versos repetem os reflexos crepusculares da “função tradicional” da poesia de mulher? A julgar pela estrutura, pelas rimas, pelo léxico que traz “açucena”, poderíamos encaixá-la na definição de “belezas mansas” que traz a “doçura” da poesia tradicional feita por

⁶ No original: “[...] maestra de provincia, Alfonsina no puede, en estos primeros años, ser otra cosa que una poetisa de mal gusto”

mulheres? Como veremos pela contínua análise do poema, definir a lírica de Alfonsina como apenas “romântico-tardia” seria incorrer em uma definição limitada.

Distante das digressões fumarentas e da penumbra, a voz poética de Storni explora, em sua temática, a expectativa da castidade e o desconforto do homem perante uma modernidade que coloca em pauta a libertação sexual da mulher: “Você me quer nívea, / você me quer branca, / você me quer alva.” (STORNI, 2020, p. 33). É justamente dentro dessa estranheza articulatória que mistura correntes literárias sem um caráter fixo de tardio ou moderno que Sarlo vislumbra o “mau gosto” dos primeiros livros de Alfonsina Storni. A visão da teórica argentina sobre os poemas inaugurais da autora parte da concepção que “[...] a obra de Storni é fruto de falta de escolha, de carência intelectual, e não resultado de escolhas estéticas, diversas ao longo de sua obra” (ALVEZ-BEZERRA, 2020, p. 154).

Analisemos, então, a originalidade excêntrica da poesia de Alfonsina. Como a eu-lírico de “Você me quer branca” constrói uma resposta para esse desejo por pureza do macho livre, cuja pulsão sexual não é problematizada, como apontam os versos “Todas as taças/passaram por sua mão, / frutas e mel/ seus lábios mancharam.” (STORNI, 2020, p. 33)? A solução da voz poética para a “corola fechada” almejada pelo receptor do poema possui uma imagética dantesca: ela solicita que o homem regrida até o limite da condição “selvagem” – “Fuja para a mata/ Para a montanha;” (STORNI, 2020, p. 35), até a completa “pureza” animal. Após essa regressão ao primitivo, à terra molhada – “Beba das rochas, / Durma no sereno;” (STORNI, 2020, p. 35), à vida das cabanas, ao diálogo com os pássaros, à alimentação de “raiz amarga” com salitre e água, o homem poderia “encontrar” uma solução para a mulher que não é pura, que não é alva:

Toque com as mãos
A terra molhada;
Alimente o corpo
Com a raiz amarga; (...)
Renove os tecidos
Com salitre e água;
Fale com os pássaros
E se levante à aurora.
E quando as carnes
tiverem voltado,
e quando tiver posto
nelas a alma

que pelas alcovas
 ficou enredada,
 então, bom homem,
 pretenda-me branca
 pretenda-me clara,
 pretenda-me casta.
 (STORNI, 2020, p. 35).

O poema encerra, assim, de forma esfíngica: poderíamos ter uma solução para esse desejo masculino pela castidade da mulher? A voz lírica pede o “sacrifício” do leitor na descida à rusticidade. Após o retorno do “bom homem” à sua condição primitiva, ele poderia visualizar o que deseja: a mulher alva, casta, de perfume ténue. Porém, esse retorno oferece apenas um tipo de conforto ao ego masculino, uma vez que a eu-lírico permanece oclusa, imperfeita: a voz poética lhe oferece um afago existencial para que ele “pretenda” e assim se satisfaça na ludicidade de uma pureza que não caberia mais na relação igualitária entre o homem e a mulher, bem como no contexto social de ritmos e pensamentos modernos.

Além disso, percebemos uma ironia no conjunto de “ordens” da voz poética para que o homem encontre a sua condição “pura”. O poema sugere que o desejo pela pureza sexual da mulher só alcançaria o seu objetivo no retorno do macho ao seu estado de natureza essencialmente animal e mítico (portanto, distante da esfera da razão), o que difere da imagem e do discurso “moderno” almejado pelos homens e intelectuais da geração de Alfonsina. Pela ironia e pela inversão da expectativa ingênua, geralmente caracterizado como parte do amálgama de expressões da mulher, a poética de Storni inverte “os papéis sexuais tradicionais e rompe com um registro de imagens atribuídas à mulher” (SARLO, 2003, p. 79, tradução nossa)⁷.

Comprometida com a causa da política feminista⁸, Alfonsina Storni compreendeu que o domínio do corpo e da própria pulsão sexual é um movimento essencialmente moderno. Pela livre expressão da escrita, ela reivindica um espaço para que as realidades das mulheres sejam retratadas sem sugestões límpidas, sem a ingenuidade das temáticas

⁷ No original: “En su poesía se invierten los roles sexuales tradicionales y se rompe con un registro de imágenes atribuidas a la mujer.”

⁸ Aos dezenove anos, Storni torna-se vice-presidente do Comitê Feminista de Santa Fé. Durante a vida, publicou em jornais (muitas vezes com pseudônimos) críticas, ironias e reflexões sobre a condição subalterna das mulheres dentro do patriarcado portenho.

sentimentais do amor por sacrifício ou por anulação. Destarte, a “doçura” da tradicional poética feita por mulheres assume, no caso de Storni, caráter ilusório, visto que mostra uma perspectiva poética que não se limita

[...] a desejar ou lamentar: ironiza, acusa, aponta a culpa. Ela reivindica para si, como mulher, os direitos do homem [...] [Storni] traça o perfil de uma mulher cerebral e sensual ao mesmo tempo, numa complexidade do arquétipo feminino, que supera a mulher-sábia, a mulher-anjo e a mulher-demônio. (SARLO, 2003, p. 81-82, tradução nossa)⁹.

Comentamos, na seção anterior, que Alfonsina conquistou o seu público entre mulheres provenientes da camada popular. Esse público leitor era constituído por mulheres que vivenciaram mudanças no contexto social das primeiras décadas do século XX na Argentina, especialmente em Buenos Aires, como a

[...] reformulação nos jornais, o surgimento de uma classe média e baixa letrada, a alfabetização dos filhos de imigrantes, uma maior abertura editorial e o aparecimento de uma cultura massificadora” (OLIVEIRA, 2009, p.10).

Assim, uma lírica que propõe o debate sobre a expectativa da “pureza” sexual mostra-se de extrema relevância para as mulheres que não são guardadas em castelos urbanos ou vigiadas por famílias de posses que almejam um casamento burguês. A partir dos processos modernizadores implantados na Argentina, as mulheres começam, mesmo que paulatinamente, a participar do âmbito público, tradicionalmente reservado a sujeitos homens:

Com a chegada do século XX, já se pode encontrar nos corredores das universidades a presença feminina, ainda que de forma tímida. Esta presença se deu também graças ao surgimento da Primeira Onda Feminista, que aproveitou a chegada da Modernidade para lutar por um espaço mais justo para as mulheres. (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

Na Argentina, a Primeira Onda Feminista, da qual Alfonsina Storni participou ativamente com a publicação de seus poemas e textos em jornais, pregou a igualdade entre homens e mulheres para o exercício da cidadania e para a participação no âmbito laboral. Dessa forma, as leitoras contemporâneas de Storni encontram na lírica da autora

⁹ No original: “[...] a desear o a lamentarse: ironiza, acusa, señala culpas. Reclama para sí, como mujer, los derechos del hombre [...] [Storni] traza un perfil de mujer cerebral y sensual al mismo tiempo, en una complejización del arquetipo femenino, que supera a la mujer-sabia, la mujer-ángel y la mujer-demonio.”

uma visão artística que desregula os conceitos que circundam o binarismo do espaço do homem e da mulher – divisão que começava a ser questionada pelas feministas do começo do século XX, já que:

[...] o binário masculino/feminino é replicado em outras divisões como público/privado, cultura/natureza, razão/sensibilidade, universal/particular, produtor/reprodutor, entre outras, demarcando limites e estabelecendo normas sobre o que é permitido e o que não é para cada gênero [...] (POZZI, 2019, p. 28, tradução nossa)¹⁰.

A poeta percebe essa visão binária masculina quando remete, pela voz lírica de seu poema, à separação entre mulheres “culpadas” por sua indecência e as “claras” por sua pureza. O homem solicita ao eu-lírico “Que nenhum raio de lua/ tenha me tocado. / Nenhuma margarida/ se diga minha irmã” (STORNI, 2020, p. 33). As margaridas encarnam as “almas perdidas” pelas alcovas, que não são percebidas como rosas “de corola fechada”. Ao apontar o arquétipo construído pela sociedade patriarcal da “mulher-anjo” e da “mulher-demônio”, como mencionado por Beatriz Sarlo, a voz lírica de Storni reivindica uma perspectiva que rechaça a “pureza” como ideal romântico e constrói uma lírica que aborda a liberdade sexual sem os intermediários da moralidade patriarcal masculina.

Pela força lírica que desafiou os cânones morais da sua época e pela união de estrutura romântica e temática moderna, vimos que Alfonsina conquistou um público fiel de mulheres provenientes da camada popular, ao mesmo tempo em que confundiu os contemporâneos e críticos que classificaram a sua poesia como “estridências”, “histerias” ou como proveniente de um “mau gosto” estético. Percebemos, pela análise da lírica que não se dobra para o amante e que não recusa a sua liberdade erótica, que o discurso poético de Storni desloca as expectativas monolíticas do homem (tanto pela perspectiva estética de sua poesia, quanto pela moralidade patriarcal) e versa sobre as particularidades de ser uma mulher livre dentro de novos contextos sociais e artísticos. Pela sua luta política e pelo poema aqui analisado, a lírica pulsante em corporeidade de

¹⁰ No original: “[...] el binarismo masculino/femenino se replica en otras divisiones como público/privado,cultura/naturaleza,razón/sensibilidad,universal/particular,productor/reproductor, entre otras, demarcando límites y estableciendo regulaciones sobre qué está permitido y qué no para cada género [...].”

Alfonsina Storni encarna a perspectiva que “[...] Uma mulher sem corpo, muda, cega, não pode ser uma boa combatente” (CIXOUS, 2022, p. 52).

Conclusão

O filósofo Jacques Derrida, a partir de uma bela analogia sobre o gênero lírico, compara a poesia com o ouriço, esse animal que se enrola e expõe seus espinhos ao pressentir o perigo. Para ele, a poesia possui esse caráter dual, do belo que perpassa o espinho, do animal “[...] enrolado em bola, eriçado de espinhos, vulnerável e perigoso, calculista e inadaptado (pondo-se em bola, sentindo o perigo na estrada, ele expõe-se ao acidente)” (DERRIDA, 1992, p. 115). Alfonsina Storni, de acordo com a ambivalência de estrutura e temática, explora esse caráter da poesia que se expõe “ao acidente”, ainda mais evidente para uma poeta comprometida com a causa feminista de sua época.

A biografia da autora, plena em simbolismo de vitórias e feridas, se enreda na sua própria perspectiva poética: “Completamente envolvida com o feminismo, Alfonsina transfere para sua obra poética os pressupostos deste movimento e o choque social proporcionado pelos mesmos” (OLIVEIRA, 2009, p. 11). Os pressupostos feministas encontram, na totalidade de sua poética, uma verve imagética, combativa - “Se jogue na fogueira/ floresça na boca/ de um canhão” (STORNI, 2020, p. 117)¹¹, além de sensível e corporal: “E tudo quanto está perto de você estremece comigo.” (STORNI, 2020, p. 93)¹².

Escrito a partir de ambivalências, do “vulnerável e perigoso” que perpassa as experiências da mulher que rechaça os ideais de “pureza” sexual almejada pelo homem, vimos que em “Você me quer branca” Alfonsina marca a sua contribuição particular para esse caleidoscópio de diferentes percepções e vozes que abarcam a produção poética de mulheres. Pela sua expressão lírica, Storni desloca a visão da autoridade masculina e a representa como insegura: “[...] Alfonsina corrige alguns tópicos da literatura erótica, a

¹¹ Versos do poema “Voz e contravoz”, presente em *Mundo de sete poços* (1935)

¹² Versos do poema “XXV”, presente em *Poemas de amor* (1926)

partir da perspectiva de uma mulher que aprendeu e sabe mais que o homem” (SARLO, 2003, p.78, tradução nossa)¹³.

Argumentamos que a “imperfeição” lírica de Alfonsina (ou o seu “mau gosto”) reside precisamente na estranheza, na união da estrutura oclusa do “romântico-tardio” ao modernismo temático com proposta “[...] irreverente, mesclada, questionadora, imperfeita como se deve ser [...]” (CESAR, 2016, p. 260). Ao se dirigir precisamente às idealizações do receptor masculino, Storni inova ao utilizar uma estrutura simples (portanto acessível a todas as camadas de público leitor, não apenas à intelectualidade versada pelos movimentos de vanguarda) para refletir sobre os incômodos que a liberdade sexual da mulher desperta nas certezas e nos limites demarcados pela sociedade patriarcal da Argentina das primeiras décadas do século XX.

Referências

- ALVEZ-BEZERRA, Wilson. Em busca do país de Alfonsina. Posfácio. *In*: STORNI, Alfonsina. **Sou uma selva de raízes vivas**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2020. p. 151-197.
- BORGES, Jorge Luís. **Prólogos, com um prólogo de prólogos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. *E-book*.
- BORGES, Jorge Luís. **Textos recobrados (1919 – 1929)**. Barcelona: Random House Mondadori, 2011. *E-book*.
- CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia?. **Points de Suspension**. Tradução: Tatiana Rios e Marcos Siscar. Paris : Galilée, 1992.
- MOUFFE, Chantal. Feminismo, cidadania e política democrática radical. *In*: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013. p. 265-282.

¹³ No original: “[...] Alfonsina corrige algunos tópicos de la literatura erótica, desde la perspectiva de una mujer que ha aprendido y sabe más que el hombre”

OCAMPO, Victoria. La mujer y su expresión. **Testimonios**. segunda serie 1937-1940. Buenos Aires: Ediciones Fundación Sur, 1984.

POZZI, Rayén Daiana. Alfonsina Storni: condicionamientos y estrategias en su camino hacia la profesionalización. **Alpha**, Osorno, n. 48, p. 27-36, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/alpha/n48/o718-2201-alpha-48-27.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Derrubando mitos – Alfonsina Storni e a reconstrução da identidade feminina no início do século XX**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7566/1/arquivo3989_1.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.

SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Conformando uma Argentina leitora: educação pública, bibliotecas e mercado editorial entre fins do século XIX e meados do século XX, **Revista História**, São Paulo, v.22, n.2, p.133-150.

STORNI, Alfonsina. **Eu sou uma selva de raízes vivas**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2020.

Recebido em 13/03/2023.

Aprovado em 02/08/2023.